

Alimentação e Manutenção em Apicultura Sustentável

Embrapa

Clima Temperado

Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
 Centro de Pesquisa Agropecuária de Clima Temperado
 BR 392 km 78 - 96001-970 Pelotas RS Cx. Postal 403
 Fone (53) 3275-8100 (53) 3275-8213 Fax (53) 3275-8221
www.cpact.embrapa.br
sac@cpact.embrapa.br

Ministério da
 Agricultura, Pecuária
 e Abastecimento



dezembro2007
 Tiragem0000exemplares

entressafras.

A alimentação artificial dos enxames no período de escassez é uma ferramenta estratégica para se garantir boas safras subsequentes e para o permanente sucesso dos apicultores na manutenção de suas colmeias (figura 1). O melhor alimento para a adequada nutrição das abelhas é o néctar e o pólen de variadas flores na natureza, entretanto, sob o manejo intensivo por parte dos apicultores, é comum que ao final da safra as reservas de alimento dos enxames fiquem muito pequenas, insuficientes para um longo período de escassez de floração. Neste caso, a alimentação artificial de manutenção deve ser fornecida pelos apicultores durante as



Figura 1: Colmeias instaladas em pomares de maçã, quando bem alimentadas apresentam maior potencial polinizador.

Alimentação artificial de manutenção:

É recomendada para as épocas de escassez, especialmente durante o inverno, evitando a morte das abelhas, reduzindo a interrupção da postura da rainha (diapausa) e mantendo a colmeia forte, o que favorece a produção de mel na safra seguinte. A alimentação artificial de manutenção pode ser oferecida na forma pastosa, sólida ou líquida, e pode ser do tipo energética ou energético-protéica, conforme a presença ou não de estoques de pólen nos favos. A forma pastosa é a mais recomendável, pois elimina o risco de se induzir a rainha à postura fora de época e conserva a atratividade do alimento. Sua textura deve ser cremosa, homogênea e consistente.



Figura 2: Preparo da alimentação artificial de manutenção, na forma pastosa, usando açúcar mascavo e mel

Alimentos Pastosos:

Chamados de pastas ou tortas (figura 2), além de terem boa aceitação pelas abelhas, permitem a adição de vários componentes protéicos, geralmente secos e pouco palatáveis, e se conservam por períodos longos; são obtidos pela mistura lenta e gradual de água, glicose ou mel em alimentos secos, em pó (farinhas) ou cristais (açúcares), até atingir consistência pastosa. Nas formulações, usar preferentemente mel do próprio apiário e açúcares oriundos de produção orgânica: - torta energética: mel ou xarope misturado ao açúcar até o ponto pastoso; fornecer 1 a 2 kg por colmeia, no início ou durante o inverno; - torta energético-protéica: adição prévia ao açúcar de algum preparado protéico em pó, como pólen seco, farelo de soja, farinha de milho, farelo de trigo, leveduras de cana ou de cerveja, posteriormente misturados ao mel até o ponto de pasta; fornecer 200 ou 300 gramas por colmeia a cada 3 ou 7 dias, tanto no início quanto no final do inverno.



Figura 3: Colocação de alimentador tipo cocho, abastecimento com alimento pastoso.

Alimentos Sólidos:

São fáceis de ministrar, mas pouco atrativos às abelhas; os mais usados são: - açúcar branco, refinado ou cristal, preferentemente orgânico, ou açúcar mascavo; fornecer 1 a 2 kg por colmeia, no início ou durante o inverno.

Alimentos Líquidos:

Chamados de xaropes, são altamente estimulantes ao crescimento das colônias, mas, inadequados para a manutenção das mesmas em épocas de escassez. Devem ser usados apenas na época da alimentação artificial estimulante (no final da entressafra) e com a adoção de uma série de cuidados especiais contra pilhagens e desequilíbrios entre alimento e área de crias.

Tipos de alimentadores recomendados para a alimentação artificial de manutenção:

Convém usar apenas alimentadores individuais, para qualquer tipo de alimentação artificial, uma vez que alimentadores coletivos costumam promover pilhagens no apiário, estresse nas colônias, desgaste energético e excessivo entusiasmo entre as abelhas campeiras. É fundamental, ainda, reduzir os alvados e vedar as possíveis frestas de cada colmeia.

- Bandeja: recipiente plano e com acesso central para as abelhas, colocado sobre o ninho e abaixo da tampa; permite o rápido fornecimento de alimentos pastosos, sólidos ou líquidos, desde que seu amplo depósito seja bem vedado e impermeabilizado.

- Cocho ou Doolittle: alimentador com o formato de um caixilho de ninho (figura 3), revestido com finas paredes de madeira; atua como um cocho interno para pastas, açúcares ou xaropes, e deve ser bem vedado internamente.

- Garrafa plástica: parcialmente cortada no sentido longitudinal, é deitada dentro do ninho, substituindo 2 ou 3 favos vazios, ou

dentro da melgueira, sobre os quadros do ninho; permite fornecer pastas, açúcares ou xaropes, e deve ser munida de rampas de acesso e flutuadores, evitando o afogamento de abelhas.

- Pote sem tampa: recipiente plástico ou metálico (figura 4) destampado e contendo xarope ou pasta é instalado sobre o ninho, diretamente apoiado nos sarrafos superiores dos quadros de cria (figura 5), munido de rampas de acesso e flutuadores.



Figura 4: Abastecimento de alimentador do tipo pote sem tampa com alimento pastoso.



Figura 5: Potes contendo alimentação artificial instalados sobre os caixilhos do ninho, dentro da melgueira.

Durante todo o inverno os apicultores devem manter redutores nos alvados, retirar as melgueiras ou usar entre-tampas sobre os ninhos, vedar frestas e resguardar as colméias contra os ventos frios e a umidade, além de favorecer a insolação direta no apiário. Colônias bem nutridas e preparadas apresentam potencial produtivo e polinizador muito superior às demais (Figura 6), cabendo aos apicultores a realização adequada da tarefa de manutenção das mesmas durante a entressafra.



Figura 6: Colméias instaladas junto de matas e pastagens, bem alimentadas apresentam maior potencial produtivo.